

# O ESPECTRO

NUMERO 38 — II ANNO — 1889

Uma lição de historia

SEMANARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

LISBOA

6 mezes..... 260

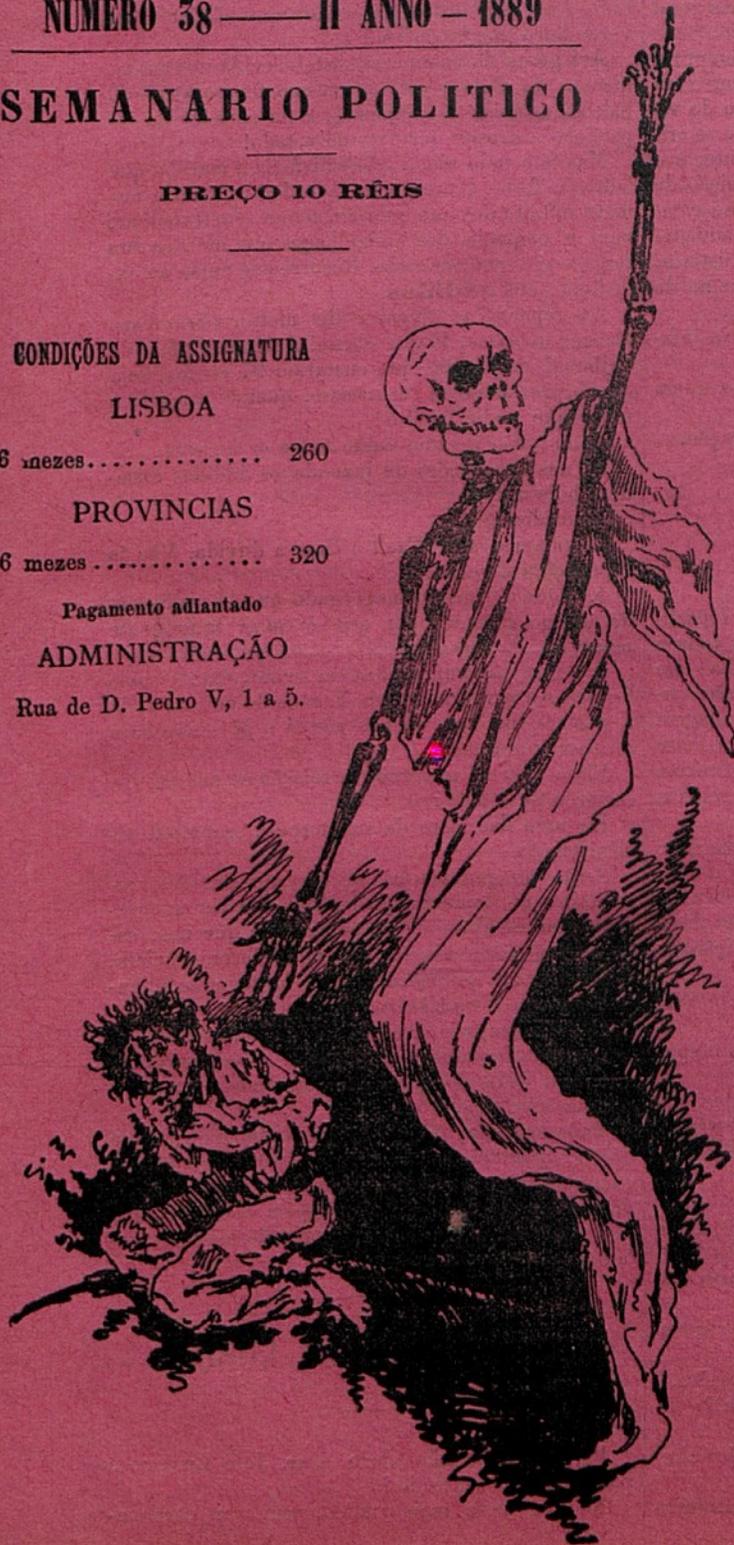
PROVINCIAS

6 mezes..... 320

Pagamento adiantado

ADMINISTRAÇÃO

Rua de D. Pedro V, 1 a 5.



Estamos atravessando uma epocha tal de desalento, que a consciencia nos accusaria de traição, senão chamassemos a attenção de todos os pensadores, que se occupam das coisas publicas, e de todos os homens de bem que põem as desgraças da patria acima de todas as desgraças.

Quando os povos olham impassiveis e indifferentes para o desmoronamento do grande edificio moral, que tantos seculos as gerações levaram a construir e engrandecer, alguma grande catastrophe se avizinha.

Pode succeder que as instituições, que os regem, sejam as unicas victimas.

Mas o abalo que os rumores subterraneos fazem presentir antolha-se ao nosso espirito de tão collossaes proporções, que seria ridicula vaidade affirmar que tudo escapará incolume debaixo dos escombros e ruinas que elle hade fatalmente trazer.

El-Rei, versado como é nas sciencias sociaes, e tão dado ao estudo da philosophia da historia, sabe perfeitamente que quem olhar, sem preocupação para o estado actual da sociedade portugueza e sobretudo para a tolerancia e indifferentismo da nação ante a politica dissolvente d'este governo ultra-devasso, não pode deixar de sentir o coração confranger-se-lhe, como se uma grande desgraça o ameaçasse a cada instante.

O povo, triste é dizel-o, não pode!

A ignorancia e a miseria por um lado; os excessos do vicio por outro; e sobre tudo o meio delecterio, em que a corrupção politica o faz vegetar, extenuaram-lhe os antigos brios; secaram-lhe aquelles copiosos mananciaes, d'onde promanava, em cristalina catadupa, a força que derrubava as tyrannias de ferro, e que nem consentiria a possibilidade d'esta tyrannia de lama, que faz as delicias do sr. Marianno de Carvalho, a deshonra do nome portuguez.

O povo não pôde; mas pôde a coroa, sua gloriosa representação. Se ella consentir por mais tempo que a **perversão de todos os sentimentos moraes** continue á frente dos negocios publicos, quem poderá affirmar que o paiz senão afundará nos abysmos, de onde raras vezes saem os povos livres, e mais raras ainda as instituições com vida?!

Não iremos buscar exemplos á velha Roma; nem argumentaremos com a dissolução do **baixo imperlo**.

Demasiadamente conhecida é a lição de uma e outra epocha.

A dissolução dos costumes particulares e publicos abriu a brecha, por onde entrou triumphante o poder que tudo arrasou.

Foi pouco mais ou menos o que succedeu no tempo de Carlos I de Inglaterra:

Foi pouco mais ou menos o que succedeu no tempo do velho cardeal rei de Portugal:

Foi pouco mais ou menos o que succedeu no fim do seculo passado em França:

E' a mesma a lição do Segundo Imperio; e a mesma a lição da Hespanha, anterior a Affonso XII; e n'um proximo futuro veremos que lição colhe a historia da actual republica franceza.

Quando das ruinas que o tufão deixa na sua passagem, surge mais glorioso o Estado, ou mais feliz o povo, por ventura não terá a historia geral da humanidade muito de que lastimar-se?

Mas é sempre a fortuna das nações, é sempre o bem e a justiça que triumpham por entre as luctas, que põem d'um lado o predominio do vicio, a devassidão dos governos os abusos, e os crimes dos dirigentes; e do outro o soffrimento, e o desespero do povo e até a sua justa ambição de um ideal que a Providencia tantas vezes se compraz em distanciar cada vez mais da realidade. Não. E já citamos um momento da nossa historia, em que o passado foi substituido pela somma de todas as desgraças.

E' isto o que está preparando a politica infamissima d'este governo.

A observação dos factos dil-o bem claro a quem tem olhos de ver.

Vejamos hoje um lado da sua administração.

\* \*

### Os empregados publicos

Apenas empolgou o poder e entrou nas repartições, o seu primeiro cuidado foi aposentar toda a gente. Uns para deixarem o logar á matilha que gania esfaimada atraz d'elle; outras para não embaraçarem, com a sua presença, a obra de pilhagem **scientificamente** planeada que alguns queriam emprender e concluir: enfim para multiplicarem os despartos, origem dos empréstimos, fontecopiosa da sua futura opulencia.

O facalhão das aposentações trabalhou que nem cutello em mão de carnicheiro.

O pessoal mais conhecedor do serviço e o mais util, até pelos exemplos de disciplina que dava aos seus collegas, foi posto fora das repartições!

Fizeram-se violencias inauditas.

Não obstante muita gente escapára á hecatombe, porque a lei das reformas era clarissima.

Arranjou-se então uma lei *ad hoc*, cujas disposições serviram para todos os casos.

D'essa rede não escaparia ninguem, ou antes, escapou quem teve **empenhos mais fortes**, para oppôr aos empenhos do rafeiro que lhe andasse a ladrar ao emprego.

Deram-se depois casos nunca cogitados.

Segundos officiaes foram promovidos a 1.º, d'isto dias depois a chefes; dias depois **aposentados**.

As vezes estes aposentados eram **rapazes** que saiam para dar o logar a velhos.

A folha dos reformados e aposentados quasi igualou á das classes activas.

Mas não foram só as reformas e aposentações.

O augmento do pessoal tocou o ponto da **loucura**.

Creamam-se logares ás duzias. As promoções chegaram a todos: Ninguem ficou onde estava.

Gente de todas as castas invadiu tumultuaria-

mente as repartições: Desde o fadista do bairro alto, com praça assente nos commissariados de policia, até á ultima parentalha de fidalgos vadios e **arruinados**.

A' mesa do orçamento repimparam-se dezenas de marialvas puros, caçados nas cocheiras do Arco de Bandeira ou nas esquinas do Chiado, a jogar chufas de ponta e mola ás damas que passavam.

Ha agiotas, ha sacristães, ha toureiros... ha de tudo nas secretarias de estado que são hoje um verdadeiro *pandemonium*.

Até gente do commercio estabelecida nos arruamentos da Baixa, está ao mesmo tempo atraz do balcão a aviar os freguezes, e na carteira da repartição a prestar serviços ao estado!

Mas isto tudo ainda não satisfazia a matilha que ladrava forte e arreganhava o dente; nem o numero infinito dos que queriam comer sem trabalhar; nem o empenho dos amigalhaços que alardeavam força e governavam tudo. Recorreo-se então ao expediente dos **addidos**.

As repartições tiveram de metter obras para alargar as casas. E que obras! Julgue-se pelas do Tribunal de Contas que custaram 97 contos, sem que o presidsnte as reclamasse, quando era elle o unico que podia fazel-o!

A multidão invadiu então todos os logares.

Só nas repartições de fazenda os addidos exceedem hoje a 200!

E' meçonho!

Duvidam d'isto? Facil é tirar a duvida. Vão ás repartições e verão:

1.º Que é raro o empregado que lá conhecam do antigo pessoal, por que é quasi tudo gente nova.

2.º Que os empregados se acotovellam, como formigas n'um formigueiro. E mais de metade anda a passear na rua, ou não põe lá o pé senão para receber o ordenado.

Eis a vida do governo em relação ao pessoal dos serviços do estado:

Eis uma das faces da sua torpe e crapulosa administração.

Serão exageradas as nossas apprehensões, receiando que tamanha podridão acabe por gangrenar todas as fibras do corpo social e que uma catastrophe, como essas a que nos referimos acima, conclua a obra de destruição, tão largamente adiantada por estes **malvados**?!

Se examinarmos, com o mesmo escrupoloso cuidado, as differentes cathogorias de actos, que constituem a vida do governo, chegaremos sempre á mesma conclusão:

Tudo crapula, tudo immoralidade, tudo delapidação, quando não são **roubos** descarados, commettidos quasi na presença do publico. Tamanho é o desprezo que tem pela opinião; tamanho o cynismo com que encaram a fiscalisação parlamentar.

## O DISCURSO DA COROA

Porque diabo não abriu o sr. José Luciano o parlamento no entrudo?

Não ha nada mais comico, nem mais carnava-

lesco que o monstruoso discurso que hoje publicam os jornaes.

Se não soubessemos com certeza que o governo está pegado ás pastas, como um cão se agarra a um osso, diríamos que tinha enfim conhecido a propria situação e abria francamente a porta por onde queria ser enxotado.

Não será por ali que hão de sair.

A caterva de maroteiras e escandalos que o discurso offerece á gargalhada publica, á indignação de todos, não chegará a discutir-se na camara.

Estamos convencidos d'isso.

A exposição dos crimes com que tem sido enxovalhada a administração dos negocios do estado, será bastante para o esmagar.

Entretanto daremos ao povo uma noticia que muito lhe deve **agradar**.

O governo promete apresentar uma lei para a aposentação dos parochos.

E que tal!...

Depois do que o leitor acaba de ver, a proposito de aposentações, no artigo que acima publicamos, só lhe resta um recurso:

Quando lá fôr o beleguim buscar dinheiro para pagar tantas patifarias, pegue de um cacete, reciba-o **a pau**, para não ser elle proprio recebido no hospital sem pelle.

## Mais syndicatos

Está organizado outro, que ha muito trazia de olho uma das mercadorias de maior consumo em Portugal, o assucar, que o paiz compra por uns poucos de milhares de contos de réis, e constitue para o estado uma das mais valiosas fontes de receita.

Syndicato lhe chamamos, porque visa a explorar grandes riquezas com favores do estado.

Favores proximos ou remotos, já reaes ou claramente perceptíveis... Em havendo d'isto temos syndicato.

Este magnifico syndicato denomina-se: *Companhia geral portugueza dos assucareos de beterraba*.

O capital sobe á bonita cifra de 2.250 contos.

Mas onde está o elo, onde a ponte que liga a companhia ao governo, e que por esse motivo lhe deve dar a honrosa denominação de syndicato?

Em varios pontos. Apontaremos tres: um certo; outro de 99 probabilidades, e o 3.º que lhe não fica muito atraz.

O das 99 probabilidades está n'uma disposição dos estatutos d'esta **companhia particular** que tem ao lado da sua administração, **um fiscal nomeado pelo governo com voto consultivo**.

Que tem que ver o governo com as companhias particulares? Nada.

Por isso em nenhuma figura a fiscalisação official.

Escusamos de citar exemplos. São todos. Com esta o governo faz-se representar, o governo **precisa** ter lá um representante; logo não é companhia, é evidentemente um **syndicato**.

2.º ponto. Um dos vogaes do conselho de administração é o sr. José Julio Rodrigues, antigo descontente que até fundou um jornal para combater o governo; que andava a prégar contra elle por toda a parte, e que ultimamente amaciou como

um veludo, apanhando varias postas e commissões rendosas.

O terceiro ponto, o mais seguro de todos, o certo, o infallivel... basta citar-lhe o nome, para entrar logo pelos olhos do leitor, que não ha duvida nenhuma que é um syndicato de prospero e largo futuro; e que enfim... tomara o leitor e mais este seu creado o par de contos de réis que o governo lhe ha-de escorregar nas algibeiras.

O terceiro ponto, ou melhor ainda, o terceiro e incontestavel argumento, é que á frente da administração está o sr. marquez da Foz, socio gerente da firma Marianno-Foz-Moser & C.ª

E' este, se nos não enganamos, o 19.º syndicato, que tem a honra de contar o sr. marquez da Foz no numero dos seus mais prestimosos directores.

Desde o grande syndicato geral, o syndicato pae de todos, o glorioso Foz-Moser & C.ª com o privilegio exclusivo de todos os emprestimos portuguezes, que já excedem de 40 mil contos, até ao syndicato dos assucareos, pouco resta já que explorar á habilidade do sr. marquez, que é hoje uma das figuras mais salientes d'esta terra.

Honra lhe seja.

O *Espectro* não pode ter senão palavras de admiração para s. ex.ª; e por isso fará coro com o resto da imprensa do paiz, na exposição da sua opulencia e grandezas.

## Baile do sr. marquez da Foz, segundo a vulgata dos jornaes

A indole do *Espectro* não lhe permite entrar em pormenores; dará por tanto uma succinta idea da grandeza, não da festa, que foi das mais estrondosas, mas das preciosidades, que todos lhe admiram.

«Festas mais grandiosas poucas vezes se verão nas capitães do estrangeiro.»

Gobelins preciosissimos; nem menos que do tempo de Luiz XIV, o rei sol, o D. Manuel da Franca, e da collecção — *L'histoire du roi*.

Outros não menos preciosos, denominados *Les chevaliers de la couronne*; e da *Mobilier de la couronne* os deslumbrantes gobelins — *L'histoire de dieux!*

### Valores: centenas de contos.

O órgão que pertenceu a «Larochefoucauld», a primeira preciosidade d'este genero no mundo.

A tela mais celebre de Rubens, comprada aos duques de Hajar em Hespanha, e avaliada em mais de 100 contos.

Bronzes do tempo de Luiz XV; jarrões do Japão superior a tudo quanto ha; candelabros inimitaveis de Luiz XV e XVI, de um valor extraordinario. Do quarto da rainha Maria Antonietta, guilhotinada pela republica franceza do seculo passado, nem menos do que uma commoda, um movel de charão, duas bancas de agatha para ella fabricados.

Um candelabro de porcelana de Sevres, em que as **ngulas d'Austria** mostram ter sido fabricadas para a mesma infeliz rainha, de um preço inestimavel.

O valor d'estas preciosissimas recordações sobe a centenas de contos.

Sabe-se que a este respeito o palacio do nobre marquez excede o proprio Louvre!

Conjuncture-se o preço porque as pagaria, comprando as a marquezes, a duques e a principes milionarios, tão avidos de preciosidades como s. ex.<sup>a</sup>!

**A melhor obra de França**, o retrato da marqueza de Chantilly ao toucador com sua filha é uma das glorias do opulento marquez da Foz, e só ella vale uma fortuna.

Uma estatua incomparavel, que é a maior peça que a fabrica de Sevres produziu. Estatua de marmore de Carrara, que deixa a perder de vista os primores da Grecia, comprada a pezo de ouro a um gran duque da Russia; um serviço de porcelana mandado fazer pelo proprio Luiz XV cofres riquissimos mandados fazer por Luiz XIV.

Pratas de tal valor artistico que por uma ninharia da casa offereceu um nababo 180 contos.

Finalmente tudo que as primeiras fabricas do mundo teem produzido de melhor; muito do que ha de mais precioso nas colleções dos milionarios.

O nobre marquez já rejeitou 6 milhões de francos, porque avalia a sua colleção acima de 2 mil contos.

Uma nota curiosa. No meio d'aquelle requinte de luxo, verdadeiramente oriental, o sr. Marianno de Carvalho, um convidado, mostrava-se mais orgulhoso que o proprio amphitrião.

## Os deputados do governo

Está aberto o parlamento, eis a phrase que se ouve de uma extremidade á outra do paiz, como para demonstrar que está aberto o **antro da corrupção**, onde se fazem transacções como em qualquer casa de **commercio duvidoso**.

Os deputados do governo que deviam ser os representantes dignos do povo, são uns apostatas que desprezaram o juramento de serem fieis e uteis para o paiz, para se tornarem escravos das ordens do governo.

E o que podia o povo esperar dos deputados que são filhos da **prepotencia**, da **pressão**, do **liberticídio**, da **venalidade** e da **corrupção**?

Quando os deputados **jogam impudicamente** o jogo desleal na banca da politica d'este **immoralissimo governo**, o que se pode esperar d'elles senão a connivencia n'esse **jogo trapaceiro** em que o **roubado** é o paiz?

Abriu-se pois o parlamento e n'elle vamos assistir á **dobriez** constante da **maloria venal**, que dá o seu apoio ao governo em troca de uma **graça**.

E aqui teem os nossos leitores como o parlamento se transforma em **tavolagem VII**, em que o **banqueiro** é o **governo**, os **olheiros** os **deputados da maioria**, e o **ponto** o paiz.

E é por isto que o verdadeiro povo, aquelle que trabalha e que vive honradamente do seu labor, condemna ao ostracismo o interesse **VII** e mesquinho dos deputados, que abandonando os sacratisimos interesses da nação, apoiam a **politica miseravel d'este nefando governo**.

O governo tem a missão maldita de completar a obra fatal da ruina da patria, e necessita para isso d'uma **pleiade** de deputados que lhe vendam o seu voto.

E aqui tem o paiz como os deputados da maioria cumprem o seu dever, desprezando os interesses do paiz para proteger e apoiar os **escandalos** e as **negociatas dos ministros**.

## Um fructo da regie dos tabacos

Na alfandega da Terceira foi apprehendida uma porção de tabaco, que para ali enviára despachado, a alfandega da Horta.

Os apprehensores foram uns empregados quaesquer, que não tinham presente n'aquelle momento que o administrador da **regie** nas ilhas, é nem mais nem menos que um deputado da maioria, o sr. Silveira, antigo contrabandista, e por isso mesmo a pessoa mais competente que o sr. Marianno podia achar á mão, para dirigir a grande empresa dos tabacos.

Quando se deu pela **ladroeira**, foi geral o espanto dos empregados, que logo comprehendiram a quanto se arriscariam com tal descoberta.

— Que era contrabando, diziam uns; que não podia ser contrabando, visto que vinha despachado da alfandega, sustentavam outros. Uns que sim, outros que não. Uma enfermeira dos diabos.

— Consultem-se as fabricas da **regie**, para decidir a questão.

E consultaram-se. E a opinião das fabricas foi: **Que tanto podia ser como não ser contrabando!!**

Hein!... Que diz a isto o sr. ministro da fazenda?

Que diz a isto a administração superior da **regie**?

Um tabaco que vai despachado de uma alfandega, e cercado de taes elementos de clareza e cautela, que nem os mais competentes podem saber se é ou não é contrabando, diz a ultima palavra, em assumptos de boa administração.

Mas vamos vêr que diz a direcção da **regie**?

Não diz nada; não tem nada que dizer, porque o sr. Marianno de Carvalho bem soube o que fez, com a nomeação do pessoal d'aquella administração.

E' preciso saber que o sr. Marianno manda guardar o mais rigoroso segredo a respeito de tudo que está succedendo na **regie**. Só por um extraordinario acaso é que alguma coisa vai de quando em quando transpirando.

As ordens energicas para que se abafe logo succedem-se com a maior rapidez.

Quem sabe o que terá já succedido aos pobres diabos que fizeram a apprehensão!

Imaginem porque mãos audarão os 4 mil contos, que era proximaamente a importancia d'esta grande fonte de receita?

Foi para seguir o preceito de **fazer de ladrão fiel**, que o sr. Marianno pôz á frente da **regie** os proprios contrabandistas?

Assim é que se administra a fortuna da nação?

O que apparecerá, quando a publicidade der de chapa nas maroteiras que tanto empenho ha agora em encubrir? Deve ser curioso.